



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO**

**MARCELLA DA COSTA GOMES**

**“ELEMENTAR, MEU CARO WATSON”: SHERLOCK HOLMES E O PARADIGMA  
INDICIÁRIO**

**GUARABIRA  
2016**

MARCELLA DA COSTA GOMES

“ELEMENTAR, MEU CARO WATSON”: SHERLOCK HOLMES E O PARADIGMA  
INDICIÁRIO

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduanda.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

GUARABIRA

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633s Gomes, Marcella da Costa  
"Elementar , meu caro Watson" [manuscrito] : Sherlock Holmes e o paradigma indiciário / Marcella da Costa Gomes. - 2016.  
25 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História".

1. Indiciarismo. 2. Sherlock Holmes. 3. Paradigma Indiciário. 4. Romance Policial. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

MARCELLA DA COSTA GOMES

"ELEMENTAR, MEU CARO WATSON": SHERLOCK HOLMES E O PARADIGMA  
(INDICIÁRIO)

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura  
Plena em História da Universidade Estadual do  
Paraná, como requisito à obtenção do título de  
graduanda.

Data de aprovação: 05 de maio de 2016.

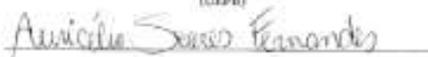
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima  
(Orientador)  
(UEPB)



Prof. Ms. Eveline Alvores dos Santos  
(1º Examinador)  
(UEPB)



Prof. Ms. Auricélia Soares Fernandes  
(2º Examinador)  
(UEPB)

Guarânia  
maio de 2016

“O homem é o estudo adequado da humanidade”.

Autor desconhecido

## RESUMO

O referente trabalho tem como objetivo fazer uma análise entre o romance *Um Estudo em Vermelho* (1887) de Arthur Conan Doyle e o indiciarismo descrito no texto *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1989) do historiador italiano Carlo Ginzburg. Será feito primeiramente uma apresentação ao romance, uma breve discussão sobre o momento histórico em que se constituiu, abarcando o gênero policial. No segundo momento será conduzida uma pesquisa sobre o paradigma indiciário, introduzido e descrito por Carlo Ginzburg, como um método de observação de sinais, vestígios ou pistas que indicam a elaboração de todo um pensamento. Far-se-á uma comparação entre este método e as práticas dedutivas que o personagem Sherlock Holmes, criação de Arthur Conan Doyle, adota em suas investigações como detetive-consultor.

**Palavras-chave:** Indiciarismo. Sherlock Holmes. Paradigma Indiciário. Romance Policial.

## ABSTRACT

The following work aims to make an analysis between the novel *Um Estudo em Vermelho* (1887) from Arthur Conan Doyle (A Study in Scarlet) and the Evidential Paradigm Theory described in the text *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1989) from the Italian historian Carlo Ginzburg. Firstly will be done a presentation to the novel, a brief discussion about the historic moment in which constitutes, covering the constabulary genre. In the second moment will be conducted a research about the evidential paradigm, introduced and described by Carlo Ginzburg, as an observation method of signs, trace elements or clues that indicates the elaboration of a whole thought. Will be given a comparison between this method and the deductive practices that the character Sherlock Holmes, creation of Arthur Conan Doyle, adopt in his investigations as a consultant-detective.

Key-Words: Evidential Paradigm Theory. Sherlock Holmes. Evidential Paradigm. Police Romance

## INTRODUÇÃO

Dentre tantas linhas do fazer historiográfico (fundamentalismo, estruturalismo e marxismo, por exemplo) a que mais está em ênfase hoje, principalmente dentro da academia, é a da História Cultural. A História que já foi escrita durante o século XIX de forma metódica, positivista e política – principalmente de caráter nacionalista –, passa por uma modificação drástica pelo fim dos anos de 1920, quando se distancia dessas formas isoladas de tratar a historiografia e passa a dialogar com as demais ciências (BIRARDI; CASTELANI; BELATTO; [20--?]). A *École des Annales*, Escola dos Annales, fundada pelos historiadores franceses Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944) no final da década de 1920, ao iniciarem a revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, causam uma quebra de paradigma daquela até então chamada “História tradicional”,

passando a tratar a História de forma mais abrangente, saindo do eixo político. Uma História que trabalha a interdisciplinaridade, que dialoga, onde vem a “colaborar com antropólogos sociais, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos etc (BURKE, 1991, p. 16).

A *Nova História* advinda da revista dos Annales não passa a descartar tudo o que foi/é do conhecimento histórico anterior ao movimento. Há neste momento uma nova abordagem, uma nova maneira de encarar as fontes; há então na História “a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema” (BURKE, 1991, p. 8) e não mais estática e limitada como a supracitada história política, com suas concepções da elite.

Ainda que com toda discussão levantada na época, e que permaneceu na segunda geração da *École de Annales*, porém sendo de forma mais moderada, o momento que definitivamente catapultou o que temos hoje como História Cultural foi com a terceira geração da Escola dos Annales. Com Jacques Le Goff na presidência da Escola entra em “tendência” uma variedade de maneiras de como se trabalhar a história, partindo de inúmeras abordagens e recortes; fora “profundamente marcada pela fragmentação” (BURKE, 1991, p. 9) dando inúmeras formas de como produzir o conhecimento histórico, o fazer história.

A primeira abordagem deste artigo será relacionada à literatura, mais precisamente ao romance policial. Este que tem sua origem no conto *The murders in the rue Morgue* (1841), de Edgar Allan Poe (1809-1849) (CREMA; LAGO apud PONTES, 2012, p. 5), autor que para os estudiosos do romance policial, inaugurou a narrativa policial (“romance policial de enigma”) naquele mesmo ano (NUNES, 2014, p. 25). Poe compõe a chamada “trinca de ouro do [então] romance enigma” (NIELSEN, 2007, p. 54), junto com Arthur Conan Doyle e Agatha Christie.

Frisando Poe e Doyle, este autor central do seguinte trabalho – que percorrem seus contos e romances (respectivamente) numa era pós-Revolução Industrial, utilizam da “racionalidade científico-industrial” para criarem suas tantas obras; elas são reflexo da “sociedade civilizada e completamente racionalizada” (REFLEXÕES..., 1988, p. 12).

Numa segunda abordagem, há o trabalho de análise e sua relação com o indiciário mais o método investigativo dentro do romance policial *Um estudo em Vermelho*, de Arthur Conan Doyle, em que o personagem principal deste vem a ser o expoente para o estudo de Carlo Ginzburg em seu texto intitulado *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* dentro do seu livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* e como o método do então protagonista dá abertura à discussão deste estudo.

Os trabalhos dos autores Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira Filho também abordam a questão indiciária; assim como se tratam/trabalham o assunto, há os nomes de Gilberto Freyre e Robert Darnton.

## **2. CONAN DOYLE E “UM ESTUDO EM VERMELHO”: Os personagens apresentados no romance**

A popularidade do personagem criado por Sir Arthur Conan Doyle terminou por eclipsar o próprio autor. Dessa forma, será feita uma breve síntese biográfica do mesmo. Arthur Ignatius Conan Doyle nasceu em 22 de maio de 1859 na Escócia (Grã-Bretanha), mais precisamente na cidade de Edimburgo. Segundo consta em

sua breve biografia, descrita em site oficial<sup>1</sup> era de uma família irlandesa-católica, filho de Charles Altamont Doyle, um artista de que se tinha razoável conhecimento, e de Mary Foley, uma jovem de dezessete anos e que foi de certa inspiração para o filho se tornar escritor por ser uma grande leitora e saber contar histórias muito bem. Com uma família de pouco poder aquisitivo, também tinha que conviver em casa com o comportamento problemático do pai que era alcóolatra. Arthur, graças a parentes ricos, foi primeiramente educado em um internato jesuíta, e a estes referentes anos, descritos em sua biografia como “difíceis”, descobriu seu talento para contar histórias, pois entretia seus colegas com “histórias surpreendentes”.

Por volta dos anos de 1876, aos dezessete anos, foi graduado pelo internato. Ao voltar para a casa de seus pais, veio a tomar certas responsabilidades por causa do sério problema de demência do pai. Mais tarde, graças a um inquilino de sua mãe, ao influenciá-lo a cursar medicina, ele assim o fez pela Universidade de Edimburgo e exerceu esta profissão até 1891. Durante o curso conheceu o professor Joseph Bell, que tinha habilidades incríveis quanto à dedução, observação e lógica, muito do que lhe inspirou a criar personagens, como exemplo: Sherlock Holmes.

Joseph Bell (1837-1911) foi professor de medicina pela Universidade de Edimburgo, grande cirurgião e respeitável palestrante. Segundo Marsha Perry, responsável pelo *The Chronicles of Sir Arthur Conan Doyle*<sup>2</sup>, um *website* que fala sobre Conan Doyle e descreve brevemente em uma de suas matérias sobre Bell, mostra que além de professor, ele ainda foi “poeta amador, desportista e observador de pássaros”. Conheceu Conan Doyle aos 39 anos, enquanto dava uma de suas palestras. A oportunidade de Doyle de conhecer e descrever sobre Bell veio quando recebeu o convite do mesmo para ser seu assistente em sua ala. A partir daí pôde observar suas grandes habilidades. Segundo Jon Nordby, no seu livro *Dead Reckoning: The Art of Forensic Detection*, Bell lembrava:

O reconhecimento [da doença] depende em grande medida sobre a valorização rápida e precisa de pequenos pontos em que a doença difere do

---

<sup>1</sup> Há uma breve biografia registrada no The Official Site of the Sir Arthur Conan Doyle Literary State: [www.arthurconandoyle.com](http://www.arthurconandoyle.com)

<sup>2</sup> The Chronicles of Sir Arthur Conan Doyle é um site de grande coleção online de citações de Arthur Conan Doyle na web e que está sob responsabilidade de Marsha Perry.

estado saudável. Na verdade, o estudante deve ser ensinado a observar. Interessá-lo neste tipo de trabalho que os professores acham que é útil para mostrar ao aluno o quanto um uso treinado de observação pode descobrir em questões comuns, tais como a história anterior, nacionalidade e ocupação de um paciente, também, é susceptível de ser impressionado com a sua capacidade de curá-lo no futuro, se ele vê que, num ápice, sabe muito de seu passado. E todo o truque é muito mais fácil do que parece à primeira vista<sup>3</sup> (NORDBY apud BELL, 1999, p. 166, tradução nossa).

Doyle conta em uma passagem em uma entrevista feita no verão de 1927 [local desconhecido] sobre o professor Joseph Bell:

Quando eu era estudante, havia um velho professor chamado Bell, que possuía um raciocínio dedutivo extremamente eficiente. Ele olhava o paciente e, sem que ele abrisse a boca, conseguia fazer um diagnóstico da doença, a origem do paciente, sua ocupação e outras coisas apenas com seu poder de observação. Então, foi natural para mim perceber que pessoas científicas como Bell poderiam lidar com assuntos detetivescos (DOYLE, 1927).

Nos seus anos de estudo, tendo lido obras de grandes autores, Conan Doyle se “arriscou” a escrever uma pequena história: *The Mystery of Sasassa Valley*, que foi publicada na revista Edimburgo e conta a história de dois amigos que vão tentar a sorte na Colônia do Cabo (África do Sul) e acabam tendo que resolver um mistério da lenda local descrito como o fantasma de Sasassa Valley. No mesmo período escreveu também *The American's Tale* que foi publicado na London Society e que conta a história de um americano que narra uma estranha história que acontece após uma peleja e que resulta num desaparecimento [...] (THE CONAN DOYLE ENCYCLOPEDIA... [20--?] tradução nossa). A partir destes reconhecimentos Doyle não deixou mais de escrever.

Ambos os contos entram no discurso da metaficção historiográfica onde, segundo Cícero Manzan Corsi, se caracteriza por situar o leitor quanto a transformação social da obra (metaficção) além de mostrar a oposição de verdade e

---

<sup>3</sup> The recognition [of disease] depends in great measure on the accurate and rapid appreciation of small points in which the disease differs from the healthy state. In fact, the student must be taught to observe. To interest him in this kind of work we teachers find it useful to show the student how much a trained use of observation can discover in ordinary matters such as the previous history, nationality and occupation of a patient. The patient, too, is likely to be impressed by your ability to cure him in the future if he sees that you, at a glance, know much of his past. And the whole trick is much easier than it appears at first (NORDBY apud BELL, 1999, p. 166)

falsidade, também mostrando as “diversas verdades” que se têm no discurso historiográfico e como a História, mesmo sendo um texto oficial, não “escapa” da produção literária.

Aos vinte anos, ainda estudando medicina, Ihe foi oferecido o cargo de cirurgião em um barco baleeiro que saía para o Círculo Ártico. Aceitou o emprego pois viu que surgia para si uma grande aventura. Logo viu a brutalidade do trabalho, mesmo assim Ihe servindo de grande experiência, além do enorme fascínio que possuía a caça de baleias. Entretanto, ao voltar para os estudos, não encontrou mais entusiasmo, ainda que no final tenha recebido seu diploma de Bacharel em Medicina e mestre cirurgião.

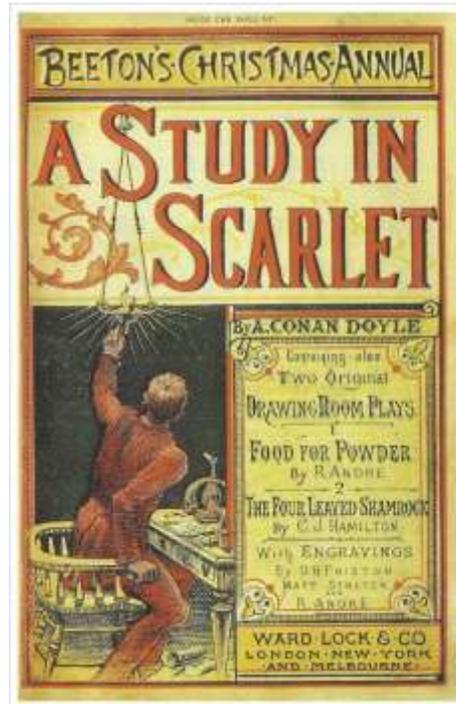
Alguns anos se seguiram e Conan Doyle, ao mesmo tempo em que exercia sua profissão de médico também lutava para se tornar um autor reconhecido. Assim sendo, alguns poucos anos mais tarde, em 1886, ao diferenciar sua narrativa policial das demais que até então haviam sido lançadas – também citado na entrevista de 1927 –, vem a escrever o seu então romance *Um Estudo em Vermelho (A Study in Scarlet)*, que dois anos<sup>4</sup> depois estreou na literatura policial e apresentou seus dois memoráveis personagens: Sherlock Holmes e seu parceiro Dr. Watson, que juntos conseguem solucionar os mais diversos crimes.

Adotando não somente no primeiro romance, mas também em todo “Cânone Holmesiano” composto por mais 3 romances e 56 contos, Doyle adota neles o método investigativo que havia Ihe impressionado em seu professor. Este método que parte de deduções foi amplamente utilizado pela polícia da Inglaterra durante o período vitoriano, este que será explanado mais adiante.

### **Ilustração 1:**

---

<sup>4</sup> Segundo a biografia em site oficial ([www.arthurconandoyle.com](http://www.arthurconandoyle.com)) Arthur Conan Doyle começa a escrever o romance em 1886 mas somente dois anos mais tarde vem a publicá-lo. Entretanto, como bem mostra a capa da primeira publicação do romance na revista Beeton's Christmas Annual, a publicação é datada de 1887, sendo assim, seu ano oficial.



Primeira capa do romance *Um Estudo em Vermelho*. Publicação datada de 1887 na revista *Beeton's Christmas Annual*

Fonte: [www.arthurconandoyle.com](http://www.arthurconandoyle.com), 1887.

Adotando não somente no primeiro romance, mas também em todo “Cânone Holmesiano” composto por mais 3 romances e 56 contos, Doyle adota neles o método investigativo que havia lhe impressionado em seu professor. Este método que parte de deduções foi amplamente utilizado pela polícia da Inglaterra durante o período vitoriano, este que será explanado mais adiante.

Os personagens apresentados no romance *Um Estudo em Vermelho* são: Sherlock Holmes, o detetive-consultor que tem excentricidades e alguns vícios, é dotado de um pensamento dedutivo fora do comum e que possui vasto conhecimento nas áreas de botânica, geologia, química, anatomia, literatura sensacionalista<sup>5</sup>, leis inglesas, além de muito saber tocar violino e ser conhecedor de esgrima, boxe e espadachim (DOYLE, 2015). O personagem é crucial para o desenvolvimento e

<sup>5</sup> Composta por *Penny Dreadfuls* (ou *Penny Bloods*), termos britânicos, eram folhetins seriados, de preço insignificante (por isso *penny*, que remete a [um] centavo) e que eram semanalmente publicados. Surgiram na década de 1830 e traziam em suas páginas histórias mirabolantes, cheias de ação e violência (HRADEC apud ARGEL; NETO, 2013, p. 17). Havia também as *Pulp Fictions*, que surgiram nos Estados Unidos no início do século XX, e que contavam os mais variados “gêneros de história” (MATEUS, 2007, p. 60).

conclusão da trama e da obra de Doyle, que, tendo como base todo o cânone holmesiano, sabe-se que ele (protagonista) soluciona os crimes então formulados na obra.

Dr. John Watson é um ex-oficial médico do exército, que, vivendo de uma pequena pensão do governo para a recuperação de sua saúde, acaba conhecendo Sherlock Holmes a partir de um amigo em comum. Holmes e Watson passam a dividir a mesma moradia e por consequência desta vivência, acaba por acompanhar o detetive em suas experiências diárias. Watson torna-se o narrador do livro que é escrito na primeira pessoa, descrevendo todos os feitos e descobertas de Holmes;

Os personagens Gregson e Lestrade são importantes investigadores da Scotland Yard, a polícia metropolitana londrina. Ambos rivalizam para quem consegue desvendar o caso. Segundo Sherlock eles “são os únicos que têm valor, em meio a um punhado de incompetentes. “Ambos são rápidos e decididos, mas convencionais... Terrivelmente convencionais” (DOYLE, 2015, p. 31). Estes personagens também são de grande importância, principalmente para o desfecho do caso;

John Ferrier e Lucy Ferrier são, na segunda parte do romance, os protagonistas da trama que vai sendo destrinchada ao longo da narrativa. Estes personagens são mostrados como americanos natos: desde seu primeiro momento no grande deserto do Oeste até a grande tentativa de fugir pelas montanhas para não serem subjugados novamente pela lei mórmon;

Jefferson Hope é o único e especial suspeito dos assassinatos ocorridos na Brixton Road. Durante muito tempo procurando por vingança devido à perda de sua querida amada, este personagem percorre algumas partes do mundo atrás de seus malfeitores, até que os encontra em Londres e sua grande oportunidade chega;

Joseph Stangerson e Enoch Drebbler são os antagonistas da trama. Fizeram parte do grupo de “aniquilamento”: o Conselho dos Quatro, que puniam as pessoas que se desviavam da religião mórmon, ou não obedeciam suas leis, e inclusive os que deixavam a cidadela. Tornaram-se grandes inimigos de Jefferson Hope;

John Race é o policial que primeiramente teve contato com a cena do crime e averiguou antes que todos tivessem acesso; Stamford é o personagem amigo de

John Watson e que, no início da narrativa, o apresenta a Holmes no laboratório de química de um hospital; e Brigham Young que é o chefe mórmon da cidadela no Estado de Utah.

### **3. É ELEMENTAR, MEU CARO INDICIARISMO: Sherlock Holmes e o paradigma indiciário**

Dentre os gêneros narrativos um, em especial, aguça pelo exercício de pesquisa e pela busca do indício: o romance policial (NUNES, 2014, p. 19). Considerado, erroneamente, como sendo "gênero policial", ele é uma modalidade<sup>6</sup>, que está dentro da literatura policial, esta, que é um subgênero do gênero narrativo (NUNES, 2014, p. 18). O romance policial dialoga com o cotidiano e suas minúcias, assim sendo o eleito para este respectivo estudo.

A predileção por uma história dos excluídos e dos ruídos que permitem ser ouvidos e percebidos é o que torna tão estimulantes tais temas de pesquisas quanto as consagradas obras literárias. Há então a escolha de uma personagem que entrou no imaginário coletivo do século XIX pela literatura, no XX pelo cinema e no XXI pelos seriados televisivos, mas que nunca perdeu seu referente na literatura. No intuito de explicar mais sobre a obra de Arthur Conan Doyle, e com ela os personagens que ocupam a maior parte de sua produção literária, Sherlock Holmes e seu ajudante e personagem-narrador o Dr. Watson, busca-se uma tentativa de compreensão da obra e sua relação com a racionalidade característica, outrora

explanada, e o método indiciário do qual fora uma das principais inspirações ao lado de Morelli<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> De acordo com Lidiane Carvalho Nunes, "O policial não é um gênero, é uma modalidade literária que, aliás, pode se concretizar em qualquer gênero. Claro, predominantemente, temos a literatura policial como um subgênero do gênero narrativo, no entanto, pode-se escrever, sem prejuízo estético, uma tragédia policial (gênero dramático) (NUNES, 2014, p. 18).

<sup>7</sup> Historiador da arte, que no texto de Carlo Ginzburg "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" foi-lhe atribuído um método capaz de diferenciar obras de arte originais das imitações (GINZBURG, 1989, p. 144).

Antes das considerações sobre o romance policial, há que salientar a questão “História e Literatura”, não em seu viés de conceituação e teoria, mas como a História, mais precisamente em sua vertente cultural, vem auxiliar o resultado do seguinte trabalho. Desta forma, temos um romance policial, de gênero (narrativo) dramático, como objeto central, sendo de extrema importância a obra literária, uma vez que serve de significativa comunicação, pois há de saber que ela tende a retratar e representar determinadas coletividades (BORGES, 2010). Logo, precisamente, devemos esmiuçar toda a fonte consultada, como fora feita na primeira parte deste artigo e que ainda será destrinchada ao final dele.

Dentre tantas denominações (romance problema, psicológico, suspense...) (CASAROTTO, [20--?], p. 2) o romance policial, assim como as histórias de detetive segundo P. D. James, têm “sua estrutura altamente organizada e suas convenções estabelecidas” (JAMES, 2012, p. 15). Nele temos quatro elementos fundamentais que o caracterizam e compõem, são eles: o problema/crime, a vítima, o malfeitor, e alguma figura da lei, que pode ser representada por um policial ou um detetive (CASAROTTO, [20--?]).

Como dito anteriormente, Edgar Allan Poe estreia este romance policial no século XIX em meio ao ambiente urbano cada vez mais caótico da era pós-Revolução Industrial, repleto de racionalidade, de uma imprensa cada vez mais instantânea – que posteriormente dá vez à Literatura –, e de uma polícia recém-nascida (como instituição) (REIMÃO, 1983); ele abre caminho para autores como Arthur Conan Doyle que acabam também por contribuir com o gênero narrativo décadas depois.

Tendo em vista que a Inglaterra vitoriana, mais precisamente a capital londrina, é o principal cenário da obra em questão, faz-se necessária uma breve contextualização do século XIX com o intuito de compreender o ambiente no qual o autor estava inserido e do qual se inspirou para escrevê-lo.

No caso de Conan Doyle, Reino Unido estava sob o governo da Rainha Vitória (1819-1901) de 1837 até a data de sua morte. Dentro deste período há a principal caracterização de uma sociedade cada vez mais fabril, mais mecanizada, com a disciplina sendo a palavra de comando, e ao mesmo tempo, também em

outros segmentos, sinalizando uma coletividade que preza pela castidade e conservadorismo, e de um senso moral exacerbado, como bem sintetiza Cíntia Leone: “[...] as teorias liberais de controle demográfico e social ganhavam força, e isso incluía a imposição de uma moral rígida sobre o comportamento sexual” (LEONE, 2011, p. 10).

Entretanto, há que se mostrar o que há fora daquela esfera, uma vez que se tem uma boa parcela da população que não entra neste modelo de puritanismo, principalmente o operariado e todos aqueles que foram “sugados” pelas consequências da Revolução Industrial (como prostitutas, mendigos, vagabundos, etc), a “maré humana”, e também pelo tempo, este, que também se tornara mecânico e implacável, bem como mostra Maria Stella Martins Bresciani na obra “Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza”:

Gestos automáticos e reações instintivas em obediência a um poder invisível modelam o fervilhante desfile de homens e mulheres e conferem à paisagem urbana uma imagem frequentemente associadas às ideias de caos, de turbilhão, de ondas, metáforas inspiradas nas forças incontroláveis da natureza. Figuras fugidias, indecifráveis para além de sua forma exterior, só se deixam surpreender por um momento no cruzar de olhares que dificilmente voltarão a se encontrar. Permanecer incógnito, dissolvido no movimento ondulante desse viver coletivo; ter suspensa a identidade individual, substituída pela condição de habitante de um grande aglomerado urbano [...] (BRESCIANI, 1982, p. 10-11).

[...] as atividades urbanas haviam perdido qualquer vínculo com o tempo da natureza; de há muito se encontram subordinadas ao tempo abstrato, ao dia implacavelmente dividido em 24 horas. [...] arranca o homem da lógica da natureza [...] (BRESCIANI, 1982, p. 17-18).

Observando toda a mecanicidade dos homens deste século, convém falar sobre a racionalidade e a cientificidade relacionada, características positivistas do mesmo e que vem desde o fim da era medieval que perdura e se transforma até o século XIX, quebrando um ideário fantástico teológico que havia no pensamento humano na Europa, provocando inúmeras contestações e também as mais diversas descobertas (ROSSI, 1992).

O autor Arthur Conan Doyle foi claramente produto do meio em que vivia. Não apenas neste ambiente urbano-caótico que mostrava o quão Londres estava cada vez mais arriscada de se viver e mais intensa de se acompanhar, mas como

todo o pensamento científico vigente, observável em Charles Darwin, Stuart Mill, Hebert Spencer (SILVA, 2010) e Richard Avenarius, por exemplo.

O que nos apresenta o historiador italiano Carlo Ginzburg, em seu texto *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* é que se tem uma certa “reviravolta” no que poderia se chamar de “Ciências Naturais” durante este período. A rigidez do paradigma galileano<sup>8</sup>, que estava maciçamente em voga desde o século XVII, com seus resultados generalizantes, foi cedendo terreno a um novo paradigma que não mais negava o individual, ainda que se conservasse toda uma cientificidade (GINZBURG, 1989).

Antes de discorrer sobre o paradigma indiciário, é necessário explicitar o objetivo do mesmo, ou seja, a que serviu essa observação de paradigma. Conforme o próprio Ginzburg, já na introdução de seu texto, diz que já no fim do século XIX “emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico (caso se prefira, um paradigma)” (GINZBURG, 1989, p. 143), no qual “ainda não teorizado explicitamente, talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre “racionalismo” e “irracionalismo”” (GINZBURG, 1989, p. 143), deixando claro assim sua finalidade.

Segundo Ginzburg, o paradigma indiciário tem suas origens prováveis muito antes do século XIX. Nos primórdios da humanidade, quando o homem era caçador, onde tal condição fizera com que este indivíduo se “especializasse” no conhecimento dos vestígios que a natureza marcava em seu ambiente, ele então vem a passar toda esta carga perceptiva aos seus descendentes com os milênios. Entretanto, este conhecimento se mantém subjacente, pois o “modelo de conhecimento elaborado por Platão<sup>9</sup>” toma uma grande posição de destaque (GINZBURG, 1989).

Ginzburg começa por relatar sobre um artigo de um estudioso da arte chamado Giovanni Morelli. O dito “método morelliano” tinha por característica

---

<sup>8</sup> Segundo Ginzburg, a ciência galileana era pautada no emprego da matemática e tinha seu método baseado em experimentos, onde, respectivamente, eram aplicadas “a quantificação e repetibilidade dos fenômenos”, “excluindo” a individualidade, esta respectiva das ditas disciplinas indiciárias (GINZBURG, 1989, p.156).

<sup>9</sup> Segundo José Beluci Caporalini, quanto a racionalidade, diz que: segundo Platão, “a realidade é conhecida pela mente [...] e que o pensamento revela a estrutura do ser. Ou seja, o logos, o pensamento, apreende e pensa o ser, o real é inteligível, isto é, pensável racionalmente (CAPORALINI, 2013, n.p.).

diferenciar quadros originais de falsificações a partir da observação minuciosa de suas particularidades. O autor compara este método indiciário com o processo de descoberta de um crime, aqui relacionado ao personagem Sherlock Holmes e seus casos, criado por Arthur Conan Doyle.

Ao narrar, inclusive, sobre a contribuição do método de Morelli à psicanálise tendo em vista que Freud lera sobre os estudos artísticos daquele –, temos bem descrita a técnica:

[...] um método interpretativo centrado sobre resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, "baixos", forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano [...] (GINZBURG, 1989, p. 149-150).

Ao fazer uma analogia das práticas de Morelli, Freud e Holmes, Ginzburg chega a um ponto em comum nas três diferentes pessoas: "pistas", estas que "permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível", que ele diferencia os três em: "sintomas" (falando quanto a Freud em sua psicanálise); "indícios" (quanto a Holmes em suas soluções para os crimes cometidos) e "signos pictóricos" (quanto a Morelli e seu estudo com as obras de arte) (GINZBURG, 1989, p. 150). Ainda que diferentes, ele ressalta que a tríade também tem a medicina em comum, pois temos o médico psicanalista Freud, Conan Doyle com formação médica (e que vem a refletir em seu personagem), e Morelli que também se formou em medicina. Todos tinham por suporte a observação de sintomas e/ou indícios. A medicina aqui tem um papel importante para este estudo, uma vez que a "medicina hipocrática"<sup>10</sup>, que define todo este paradigma, vem pela reflexão atenta dos sintomas pretendendo obter um relato apurado das doenças.

O paradigma indiciário, também denominado por Ginzburg como "saber venatório"<sup>11</sup>, ainda vem a explicitar, complementando sua análise, sobre como

<sup>10</sup> Na obra, Ginzburg diz que, segundo hipocráticos, a atenta examinação e apontamento detalhado de sintomas, era "possível elaborar "histórias" precisas de cada doença: a doença é, em si, inatingível" (GINZBURG, 1989, p. 155).

<sup>11</sup> Termo referente ao conhecimento que se tinha o homem sobre os vestígios da natureza. Ginzburg ainda explana sobre ele como sendo a "remota origem provavelmente venatória do paradigma indiciário" (GINZBURG, 1989, p. 168).

chegar à conclusão de um determinado acontecimento a partir da reflexão de sinais, evidências ou traços expostos, e que desde os tempos mais remotos constitui-se numa narrativa apoiada na "decifração", voltada "para o passado", pois era diferente da "adivinhação", onde a técnica se "voltava para o futuro" mesmo com ambas tendo paralelos e especificações equivalentes (GINZBURG, 1989).

São diversas passagens referentes às interpretações sobre sinais, utilizando do "saber vanatório" (p. 152) (que mais adiante Ginzburg denomina como método indiciário), apresentadas pelos personagens, como no momento em que Sherlock explica a Watson como sabia que ele estava voltando do Afeganistão:

Aqui temos um cavalheiro com aparência de médico, mas também com modos de militar. Portanto, sem sombra de dúvida, um médico do Exército. Acabou de chegar dos trópicos, pois tem o rosto queimado e essa não é a cor natural de sua pele, já que os pulsos são claros. Passou por privações e doenças, como demonstra nitidamente seu rosto macilento. Foi ferido no braço esquerdo, já que o mantém numa posição rígida e pouco natural. Em que lugar dos trópicos um médico inglês do Exército enfrentaria tantas agruras e seria ferido? No Afeganistão, evidentemente (DOYLE, 2015, p. 26).

E quando Watson põe-se a prestar atenção na observação de Holmes, no mesmo momento em que um portador de mensagem caminhava por uma calçada, do qual ele [Holmes] ligeiramente o revela como um "sargento aposentado da Marinha":

Mesmo quando aquele homem estava do outro lado da rua, pude ver uma grande âncora azul tatuada no dorso de sua mão. Isso indicava alguma ligação com o mar. Ele tinha uma postura militar e, além disso, usava as suíças próprias da Marinha. Tínhamos, então, um marinheiro. Notava-se nele um certo ar de importância, de quem está acostumado a comandar. Você deve ter notado o modo como ele movia a cabeça e manjava a bengala. Além disso, seu rosto era o de um homem resoluto, respeitável e maduro... um conjunto de características que me levou a acreditar que ele fora um sargento da Marinha (DOYLE, 2015, p. 29-30).

Em uma posterior passagem Holmes, depois de analisar a cena do crime em questão no romance, diz aos detetives Gregson e Lestrade o que se tem como um resultado do "encadeamento de pensamentos" exposto pelo autor na obra, a fim de lhe fazer chegar ao resultado de seu raciocínio (DOYLE, 2015, p. 26):

[...] Aqui houve um homicídio e o assassino era um homem. Tem mais de 1,80 metro de altura, é relativamente novo, com pés pequenos para sua altura, usa botinas grosseiras, de bico quadrado, e fumava um charuto Trichinopoly. Chegou aqui com sua vítima em um cabriolé de quatro rodas, puxado por um cavalo com três ferraduras velhas e uma nova, na pata dianteira esquerda. Com toda probabilidade, o assassino tem o rosto corado e as unhas da mão direita são bastante compridas [...] (DOYLE, 2015, p. 39)

O encadeamento é apresentado por Holmes quando da incredulidade de John Watson que, tendo observado os mesmos detalhes que o detetive, diz que ele não teria muita certeza sobre os mesmos indícios quando houvera fornecido aos detetives. Em resposta Holmes logo relata sua análise para cada ponto proferido:

[...] Ao chegar lá, a primeira coisa que observei foi que uma carruagem fizera dois sulcos com as rodas perto da esquina. Ora, até noite passada, tivemos uma semana sem chuva, de modo que aquelas rodas só deixariam marcas tão fundas se tivessem sido feitas durante a noite. Havia também marcas dos cascos de um cavalo, sendo o contorno de uma delas desenhado com mais nitidez que o das outras três, o que indicava uma ferradura nova (DOYLE, 2015, p. 40).

[...] Ora, em nove entre dez casos, podemos avaliar a altura de um homem pelo comprimento de seus passos [...] eu tinha o comprimento dos passos do indivíduo na argila do jardim e na poeira do assoalho da sala. Além disso, eu tinha outros elementos para confirmar a exatidão dos meus cálculos. Quando um homem escreve em uma parede, o instinto o leva a escrever à altura dos olhos. Muito bem, aquela inscrição estava a cerca de 1,80 metro do chão (DOYLE, 2015, p. 40-41).

[...] Bem, se um homem consegue dar passadas de 1,20 metro sem o menor esforço, tem que estar em plena forma física. Era essa a largura de uma poça no jardim. Botinas de verniz a contornaram e biqueiras quadradas a saltaram (DOYLE, 2015, p. 41).

[...] Com a lente, pude observar que o reboco havia sido ligeiramente arranhado durante a escrita, o que não aconteceria se estivesse com as unhas aparadas (DOYLE, 2015, p. 41).

[...] [Cinza espalhada pelo assoalho] de cor escura e em escamas... uma cinza idêntica à produzida por um Trichinopoly (DOYLE, 2015, p. 41).

[...] [o rosto corado] foi apenas um tiro no escuro, embora eu não tenha dúvidas a respeito (DOYLE, 2015, p. 41).

Estes são alguns dos primeiros exemplos situados na primeira parte do romance. Em sua segunda parte, mais especificamente no capítulo referente à conclusão, Holmes fala sobre o raciocínio retroativo, de pensar analiticamente, onde

se reflete de forma contrária ao do raciocínio sintético, este que é voltado para o futuro; ele ainda descreve que a maioria das pessoas imaginam resultados prováveis em uma sucessão de acontecimentos, fazendo-as deduzir um possível resultado, que, entretanto, poucas delas teriam a capacidade de analisar se lhes fossem apresentados apenas os resultados (DOYLE, 2015, p. 129).

Tendo em vista o “resultado final” de suas análises com o mistério do crime sendo desvendado, Sherlock relata com mais precisão todos os “passos” percorridos até então, interligando as primeiras evidências com as situações decorrentes no romance. A intuição e a observação, junto com os mais diversos conhecimentos de Holmes, fazem com que ele tenha uma prática quase que infalível para a solução dos casos que pega. Um exemplo de um de seus conhecimentos é mostrado em um determinado momento: quando narra sobre o crime no todo:

[...] Depois caminhei lentamente pela trilha do jardim, de solo argiloso e muito adequado para guardar marcas. Para você [Watson], aquilo deve ter parecido um lamaçal pisoteado, mas, para meus olhos treinados, cada marca deixada ali tinha um significado. Nenhum ramo da ciência da investigação é tão importante e tem sido tão negligenciado quanto a arte de identificar pegadas. Por sorte, sempre tive um carinho especial por esse ponto, que a prática constante transformou em uma segunda natureza para mim” (DOYLE, 2015, p. 129-131).

Logo a frente ele também disserta sobre o “método de exclusão”, partido da anulação de hipóteses, que o faz assim obter os resultados, como por exemplo, a descoberta do motivo do crime (DOYLE, 2015, p. 130).

O saber indiciário, que compunha o trabalho de Holmes, não está gravado em livros, revistas e/ou enciclopédias, ele requer toda uma atenção e sensibilidade que não se encontram escritos de forma definitiva em lugar algum. A experiência na observação, o olhar acurado são os “segredos” para compreender as conexões que o raciocínio faz. É um saber que exige do indivíduo uma bagagem ampla das mais diversas apreensões, é estar alerta aos pormenores que farão a diferença em seus resultados, principalmente levando em consideração as suas subjetividades.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo consistiu numa análise entre as práticas investigativas presente no romance policial *Um Estudo em Vermelho*, utilizadas pelo personagem principal, e o método dedutivo, que auxiliou na construção do método indiciário sugerido pelo historiador Carlo Ginzburg. Desta forma, procuro estabelecer um diálogo com estas duas produções, uma literária e outra historiográfica, a fim de tornar mais claro o estudo e a produção da historiografia.

A pesquisa resultante neste trabalho foi feita a partir de uma revisão bibliográfica dos métodos de pesquisa ao longo da historiografia até permear os meandros da História Cultural; um breve histórico da *École de Annales*, que deu abertura a uma discussão mais abrangente e que forneceu uma “liberdade” de abordagens; e ao dialogar se tem um exame sobre o romance policial, com isso se é elaborada uma breve apreciação sobre o gênero, o descrevendo, assim como foi feita a elucidação de uma breve biografia do autor para dessa forma compreender o meio que o constrói e que constitui sua obra, abrangendo sua contextualização histórica.

Em seguida, tem-se maior explicação sobre o que compõe o gênero policial, essa “narrativa de enigma” (REIMÃO, 1983, p. 12), conversando-o com a conjuntura do século XIX, principalmente no que se apresentava em seu ideário científico. Com isso, chego a apresentar a obra de Carlo Ginzburg, sobre o método indiciário, o qual propõe, justapondo-o com as práticas de observação do personagem de Conan Doyle.

Deste maneiram atual constructo tem por objetivo observar apontamentos, a partir dos mais diversos meios, abrangendo desde pesquisas no campo literário, estudos entre História e Literatura, além de uma convergência interdisciplinar no campo da historiografia, tendo como intuito abarcar pesquisas similares e sanar curiosidades daqueles que se interessarem pela temática.

O trabalho é capaz de elucidar um pouco mais sobre esta discussão do indiciarismo sob o recorte literário (Holmes), este citado junto com os recortes

pictóricos (Morelli) e psicanalíticos (Freud) (GINZBURG, 1989), dentro da obra de Ginzburg, abordados ao longo da pesquisa.

Desta maneira, propõe-se a futuros pesquisadores em estudos similares tratarem com maior profundidade outras possibilidades de relações intertextuais, além de a relação da História com a Literatura – esta não apenas como fonte uniformemente a tratar sobre a coletividade em si para a então produção historiográfica – mas também trabalhar o diálogo, como um trabalho prático demonstrativo como contribuição em suas respectivas áreas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Claudia. Positivismo no século XIX. **Revista virtual encontros com a filosofia**. [2013?] Disponível em: <[http://en-fil.net/ed1/conteudo/index\\_001\\_claudia.php](http://en-fil.net/ed1/conteudo/index_001_claudia.php)>. Acesso em: 18 abr. 2016.

BIRARDI, Angela; CASTELANI, Gláucia Rodrigues; BELATTO, Luiz Fernando B. **O positivismo, os anales e a nova história**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiás, ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO\\_\\_BORGES.pdf](http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf)>. Acesso em: 2 abr. 2016.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. (Coleção Tudo é História, 52). ISBN: 85-11-02052-7.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)**. Tradução Nilo Odália. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

CASAROTTO, Abele Marcos. Romance policial: duas faces de um detetive. In: SEMANA DE LETRAS, 10, Rio Grande do Sul, 2010. **Anais eletrônicos...** Rio Grande do Sul: PUCRS, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/corpus.htm>>. Acesso em: 16 de abr. de 2016.

CAPORALINI, José Beluci. O noûs platônico: o conhecimento. Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, 8, Paraná, 2013. **Anais eletrônicos...** Paraná: UNICESUMAR, 2013. Disponível em: <[http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit\\_mostra/Jose\\_Beluci\\_Caporalini.pdf](http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit_mostra/Jose_Beluci_Caporalini.pdf)>. Acesso em: 13 de abr. 2016.

CORSI, Cícero Manzan. A metaficção dos Romances Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski, Ulysses, de James Joyce, e Guerra e Paz, de Tolstói. **Revista de Literatura e Cultura Russa**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 70-84, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rus/article/view/88703/91579>>. Acesso em: 22 de abr. de 2016.

CREMA, Rafael Luis; LAGO, Cláudia. A narrativa policial em Janete Clair. **Revista Anagrama**, São Paulo, p. 2-12, jun/set. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35670/38390>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

FREITAS, Adriana. Romance Policial: origens e experiências contemporâneas. **Revista contraCultura**, Rio de Janeiro, 1 dez. 2007. Disponível em: <[http://www.uff.br/revistacontracultura/Adriana%20Freitas\\_artigo\\_romance\\_policial.pdf](http://www.uff.br/revistacontracultura/Adriana%20Freitas_artigo_romance_policial.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-180.

HRADEC, Patricia. Vampiros Humanizados: Análise da obra Interview with the vampire de Anne Rice. Dissertação (obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras) São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013. 130 p. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2185>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JAMES, P. D. **Segredos do Romance Policial: História das histórias de detetive**. Tradução José Rubens Siqueira. 1 ed. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

LENE, Hérica; SELIDONHA, Francisca. Entre comunicação e História: o indiciário como metodologia para pesquisas históricas sobre a imprensa. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 31-44, jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/25800>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

LEONE, Cíntia. Um escritor clássico que incomodava a era vitoriana. **Jornal Unesp**, São Paulo, set. 2011. Disponível em: <[http://www.unesp.br/aci\\_ses/jornalunesp/a cervo/270/ciencias-humanas-2](http://www.unesp.br/aci_ses/jornalunesp/a cervo/270/ciencias-humanas-2)>. Acesso em: 20 abr. 2016.

LOPES, Marcos Antônio. Lucien Febvre reformador: notas em torno de o problema da descrença no século XVI. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 10, p. 229-246, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/432>>. Acesso em 7 abr. 2016.

MATEUS, Anabela. As Pulp Magazines. **Babilônia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, Portugal, n. 5, p. 57-65, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ulsofona.pt/index.php/babilonia/article/view/876>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

MENEGHETI, Pollyanna Souza. De Holmes a Poirot: relações entre literatura e história na narrativa policial britânica. 2014. 40-66 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)-Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, SP, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/115731>>. Acesso em 6 abr. 2016.

MOURA, Américo. **Escola dos Annales: 1ª, 2ª, 3ª geração**. Disponível em: <<http://historyfoco.blogspot.com.br/p/escola-dos-annales1-2-3-geracao.html>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

MUNDO Sherlock. **Entrevista de Arthur Conan Doyle** - Legendas em português. 29 nov. 2013. (10:38 min), online, p&b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8EOYI9Z0wB8>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

NIELSEN, Annie Alvarenga Hyldgaard. A face oculta de Pagu: um caso de pseudotradução no Brasil do século XX. Dissertação (obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras) Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. 97 p. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10498/10498\\_1.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10498/10498_1.PDF)>. Acesso em: 6 abr. 2016.

NORDBY, Jon J. **Dead Reckoning**: the art of forensic detection. Florida: CRC Press LLC, 2000, p. 166.

NUNES, Lidiane Carvalho. O crime como método: um estudo da literatura policial na obra de Mayrant Gallo. Dissertação (obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014. 120 p. Disponível em: <<http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/61/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [S.l.], jan. 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560?lang=pt>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

RAMINELLI, Ronald. Lucien Febvre no caminho das mentalidades. **Revista de História**, São Paulo, n. 122, jan/jul. 1990. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18622>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

REFLEXÕES sobre o romance policial. **Matraga**, Rio de Janeiro: UERJ v. 3, n.4/5, jan/ago. 1988.

REIMÃO, Sandra Lúcia Reimão. **O que é romance policial?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 109). ISBN: 85-11-01109-9.

RODRIGUES, André Wagner. **Positivismo, Marxismo e a Escola dos Annales**: qual é a diferença? Disponível em: <<http://www.historiaemperspectiva.com/2011/07/positivismo-marxismo-e-escola-dos.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ROIZ, Diogo da Silva. A história da História Cultural, segundo Peter Burke. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 235-239, jul.-dez. 2007. Disponível em: <[http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res\\_Roiz.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res_Roiz.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2016.

ROSSI, Paolo. **A ciência e a filosofia dos modernos**: aspectos da revolução científica. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp.

SANTOS, José Antônio. História e (ou) Literatura(?): a realidade histórica e a sua representação discursiva na historiografia e na kriegsliteratur de Ernst Jünger - Algumas propostas metodológicas. **Dos Algarves**, Universidade do Algarve, Portugal, n. 14, p. 10-17, 2006. Disponível em: <<http://www.dosalgarves.com/revistas/N14 /2rev14.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

SHERLOCKEXTRA. **Dr. Joseph Bell**: the real Sherlock Holmes. Disponível em: <<http://www.sherlockian-sherlock.com/dr-joseph-bell-the-real-sherlock-holmes.php>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

SILVA, Dimas de Fonte. A ciência em Sherlock Holmes. **Revista Tessituras**, Nova Friburgo, RJ, n. 1, maio 2010. Disponível em: <<http://revistatessituras.com.br/artigos.php/exibir=Artigos&id=171>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

THE CHRONICLES of sir arthur conan doyle. Sherlock Holmes and Dr. Joseph Bell. Disponível em: <<http://www.siracd.com/sherlock-holmes/sherlock-holmes-and-dr-joseph-bell/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

THE OFFICIAL site of the sir arthur conan doyle literary estate. Biography. Disponível em: <<http://www.arthurconandoyle.com/>>. Acesso em: 4 abr. 2016.